



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

AMANDA PAZ ELIBIO

ANA FLÁVIA FILISBINO BATISTA

LAIANE GUEDERT WEBBER

**OS ARQUÉTIPOS PRESENTES NA IMAGEM
DE EMMA BOVARY NO FILME MADAME BOVARY (1991)**

Tubarão

2020



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

AMANDA PAZ ELIBIO

ANA FLÁVIA FILISBINO BATISTA

LAIANE GUEDERT WEBBER

**OS ARQUÉTIPOS PRESENTES NA IMAGEM
DE EMMA BOVARY NO FILME MADAME BOVARY (1991)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciadas em Letras Língua Portuguesa.

Prof. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes (Orientadora)

Tubarão

2020

AMANDA PAZ ELIBIO
ANA FLÁVIA FILISBINO BATISTA
LAIANE GUEDERT WEBBER

OS ARQUÉTIPOS PRESENTES NA IMAGEM
DE EMMA BOVARY NO FILME MADAME BOVARY (1991)

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciadas em Letras Língua Portuguesa em 7 de dezembro de 2020 por banca formada pelas professoras Heloisa Juncklaus Preis Moraes (presidente da sessão), Daiane de Souza Alves Maurício (avaliadora) e Emanuelle Querino Alves de Aviz (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 12 de dezembro de 2020 pela professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes (orientadora) e pelo professor Fábio José Rauén (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 12 de dezembro de 2020.



Dr. Fábio José Rauén
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho a todas as pessoas que me incentivaram para que esse sonho fosse realizado.

Dedico este trabalho a minha mãe, que foi minha maior inspiração, sempre me fez acreditar na importância do professor, plantando em mim todo o amor que tenho por este curso.

Dedico este trabalho também ao meu filho, que mesmo tão novinho já acrescentou muita coisa em minha vida e foi a minha maior fonte de perseverança.

Dedico este trabalho a minha mãe, pela realização de um sonho nosso e a conclusão de uma etapa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pelo privilégio de me permitir alcançar esta etapa importante.

À minha mãe, Dolores, pessoa na qual sempre acreditou e confiou no meu potencial.

À minha querida avó Hontina (in memoriam), cuja presença sempre foi essencial na minha vida, maior exemplo de um ser humano íntegro.

À minha irmã, amigos e família, por toda paciência, compreensão e, por sempre estarem presentes na minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a oportunidade de realizar um sonho, por toda força de vontade e coragem para superar os desafios.

Agradeço as minhas amigas e colegas, Amanda e Laiane pelos quatro anos de amizade e por estarem comigo na realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais e irmãos, pela força que me deram e por toda confiança depositada em mim. Agradeço também por todo incentivo para a realização do meu sonho.

Ao meu marido, Jonata, por toda compreensão, permanecendo ao meu lado todas as vezes em que pensei em desistir, me dando coragem. Agradeço também pelo voto de confiança.

Agradeço ao meu filho, Arthur, por ter feito de mim alguém mais forte, e por cada sorriso que me fez entender a importância de concluir esta etapa.

Agradeço em especial a nossa orientadora Prof. Dra. Heloísa Junckaus Preis Moraes, por todo tempo dedicado, por todo conhecimento e por toda paciência conosco.

Agradeço principalmente as meninas, Laiane e Ana Flávia, por todo companheirismo e dedicação com esse trabalho, por nunca terem me deixado desanimar e sempre terem tentado me auxiliar ao máximo com todas as dúvidas que surgiram durante o processo.

Agradeço a Deus e ao universo por terem colocado essa experiência na minha vida e que por mais árdua será guardada com muito carinho em meu coração.

Agradeço a nossa orientadora Prof. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes por todo conhecimento e orientação que nos foi passado durante esses dois semestres que se passaram, foi um privilégio ter a conhecido.

E agradeço também a minha família e amigos que sempre me apoiaram e me entenderam nesse período em que minha atenção era apenas voltada para a conclusão desse trabalho.

Nunca tive motivos para acreditar em nada que dure para sempre. Porque eu sempre fui tocada pelas mais diferentes formas de vida e por qualquer frase um pouco mais inteligente, porque dói entender que a posição da lua não interfere no quanto eu morro um pouco todos os dias. (Madame Bovary)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar a obra filmográfica “Madame Bovary” de 1991, que busca estudar os arquétipos presentes na construção da imagem de Emma Bovary (personagem principal) do filme. Madame Bovary, de Gustave Flaubert (autor francês), publicado em 1857, é um romance realista e polêmico, pois além de ser uma das maiores obras da literatura francesa, seu enredo traz temas fortes que causam desconforto: como o adultério e o suicídio. Entendemos que o cinema, assim como a literatura, é uma tecnologia do imaginário que reforça imagens de sentido coletivo pois estão ancoradas em arquétipos de base. A metodologia utilizada para este estudo foi a bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, como: livros, artigos, periódicos, entrevistas, internet etc. para o estudo, utilizamos várias bibliografias, mas as principais foram Almeida (2020); Escosteguy (2005); Jacobi (2016); Jung (1986); Jung (2000) e Jung, (2011).

Palavras-chave: Arquétipos. Inconsciente Coletivo. Romance Emma Bovary.

ABSTRACT

This Course Conclusion Project aims to analyze the film work “Madame Bovary” from 1991, which seeks to study the archetypes present in the construction of the image of Emma Bovary (main character) of the film. Gustave Flaubert's *Madame Bovary* (French author), published in 1857, is a realistic and controversial novel, because in addition to being one of the greatest works of French literature, its plot brings strong themes that cause discomfort: such as adultery and suicide. We understand that cinema, like literature, is a technology of the imaginary that reinforces images of collective meaning because they are anchored in basic archetypes. The methodology used for this study was the bibliographic elaborated from material already published, such as: books, articles, periodicals, interviews, internet and etc. for the study, we used several bibliographies, but the main ones were Almeida (2020); Escosteguy (2005); Jacobi (2016); Jung (1986); Jung (2000) and Jung, (2011).

Keywords: Archetypes. Collective unconscious. Romance Emma Bovary.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os arquétipos e suas funções básicas.....	19
Tabela 2 – Arquétipos em narrativas da literatura.....	19

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
2.1	CONCEITO DE ARQUÉTIPOS	14
2.2	A TIPOLOGIA ARQUETÍPICA DE JUNG	16
2.3	OS COMPLEXOS DE JUNG.....	18
2.4	IMAGINÁRIO SOCIAL E TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO (LITERATURA E CINEMA).....	20
3	METODOLOGIA.....	23
4	ANÁLISE DO FILME “MADAME BOVARY”	25
5	CONCLUSÃO.....	29
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso a respeito da obra filmográfica “Madame Bovary” de 1991, surgiu após realizarmos um ensaio acadêmico em uma das disciplinas do curso de Letras. Aqui, a análise, então, se detém a partir do aprofundamento nos arquétipos e na construção da imagem de Emma Bovary (personagem principal) do filme.

Madame Bovary, de Gustave Flaubert (autor francês), publicado em 1857, é um romance realista e polêmico, pois além de ser uma das maiores obras da literatura francesa, seu enredo traz temas fortes que causam desconforto: como o adultério e o suicídio.

A personagem literária em questão é Emma Bovary, sonhadora, romântica e leitora voraz de livros românticos. Ela anseia por uma vida que encontra em suas leituras, mas isso a incomoda e abala grandemente sua personalidade. Emma acaba levando uma vida frustrada, monótona e angustiada, e nesse ínterim, busca desenfreadamente uma forma de encontrar liberdade e a felicidade com que tanto sonha e tem no adultério este refúgio. Ao mesmo tempo, sua figura contrasta com seu semblante, pois há aspectos escondidos. Em virtude das suas expectativas, ela acaba se ‘jogando’ em aventuras, libidinagem e entrega-se a outras fantasias. Para a época relatada, Emma Bovary era considerada indecente e adúltera.

A personagem escolhida possui características pessoais e busca-se identificar traços arquetípicos que estruturam a sua imagem. A intenção dessa pesquisa é buscar tais representações que se estruturam em suas falas, nos seus comportamentos e em seus ideais.

Literatura e cinema são dispositivos que nos permitem discutir, além da construção das narrativas, os próprios sentidos de vida. Muitas personagens regatam a angústia existencial e a atuação da imaginação para seu apaziguamento: o que nos fala Almeida (2020) em seus estudos sobre Machado de Assis: “não há nada tão fixo a sustentar a realidade, a não ser a imaginação dos interessados em atribuir significação à realidade, um modo de aplacar a angústia causada pela falta de sentido da vida” (ALMEIDA, 2020, p. 13). Desta forma, justificamos a importância dos estudos que alinham as discussões entre literatura, linguagem, imaginário social, pois personagens como a Emma são imagens mobilizadoras de imaginários bem como, de ações práticas. Acabam inspirando outras mulheres a refletir e, talvez, agir a partir da sua narrativa simbólica expressa.

Desde já, o problema desta pesquisa diz respeito ao fato de vivermos imersos num amontoado de imagens que invadem instantaneamente nosso consciente e inconsciente, nos levando a ter percepções intrínsecas de imediato, a respeito das pessoas e situações. Em virtude

disso, diariamente somos bombardeados por imensas gamas de imagens e inúmeros conceitos implícitos e explícitos que refletem nosso inconsciente e consciente. Nesse sentido, tal contribuição teórica será imprescindível para compreendermos de que modo se relacionam as imagens com o inconsciente coletivo e quais caminhos elas percorrem. Dessa forma, será que é possível encontrar nesse emaranhado de imagens, os arquétipos que estruturam a imagem de Emma Bovary, embasados na cultura, na sociedade e na perspectiva teórica de Jung e de outros teóricos?

Para tanto, nosso objetivo será analisar o filme *Madame Bovary*, de 1991, e sua personagem principal, Emma Bovary que é baseado no livro de Gustave Flaubert (1857) trazendo à mostra a perspectiva das tipologias arquetípicas de Jung. Interligando, é claro, às imagens produzidas na sociedade e no inconsciente coletivo.

Do mesmo modo, e por fim, nossos objetivos específicos estarão dispostos em descrever o conceito arquétipo da personagem, realizar a compreensão desse tipo de imagem no nosso inconsciente coletivo, bem como, analisar a construção da personagem Emma Bovary, do filme *Madame Bovary* (1991), sob a perspectiva das tipologias arquetípicas de Jung, identificando, através de seus postulados, os arquétipos dominantes dessa personagem, conceituando as motivações de Emma Bovary, seus comportamentos e de sua maneira de ser através dos arquétipos, ao mesmo tempo que se busca verificar quais são as características e traços arquetípicos da personagem que se estruturam no imaginário coletivo.

Desta forma, analisaremos a personagem Emma Bovary e abordaremos quais arquétipos estão presentes como estruturantes na sua imagem. Espera-se alcançar maior compreensão sobre o assunto e uma observação mais clara, na construção da sua imagem.

A biografia e a personalidade de Emma Bovary nos cativaram, a ponto de nos motivarem a querer pesquisar mais sobre ela, a fim de querer entender como se constrói sua imagem no particular e na sua totalidade.

Neste primeiro capítulo tratamos da introdução ao tema, os objetivos gerais e específicos que compõem o trabalho de pesquisa, bem como a justificativa.

No segundo capítulo faremos uma abordagem sobre alguns conceitos inerentes ao tema, como a biografia de Emma Bovary, os arquétipos, as tipologias de Jung, os padrões imagéticos da sociedade atual, as receitas imagéticas do inconsciente coletivo e os complexos de Jung.

Já no terceiro capítulo, apresentaremos a análise dos arquétipos de Emma Bovary sob a perspectiva das tipologias arquetípicas de Jung. Interligando, é claro, às receitas imagéticas produzidas na sociedade e no inconsciente coletivo.

Nesse sentido, tal contribuição teórica será imprescindível para compreendermos de que modo se relacionam as imagens com o inconsciente coletivo e quais caminhos elas percorrem. Dessa forma, será possível encontrar nesse emaranhado de imagens, os arquétipos que estruturam a imagem de Emma Bovary, embasados na cultura, na sociedade e na perspectiva teórica de Jung e de outros estudiosos, destacando o papel das tecnologias do imaginário, tal como a literatura e o cinema, no imaginário coletivo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 CONCEITO DE ARQUÉTIPOS

O significado do termo "archetypus" fica sem dúvida mais claro quando se relaciona com o mito, o ensinamento esotérico e o conto de fada. O assunto se complica, porém, se tentarmos fundamentá-lo psicologicamente. Até hoje os estudiosos da mitologia contentavam-se em recorrer a idéias solares, lunares, meteorológicas, vegetais, etc. O fato de que os mitos são antes de mais nada manifestações da essência da alma foi negado de modo absoluto até nossos dias. O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistível mente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos (JUNG, 2000).

Jung compreendeu a palavra “arquétipos” como certos esquemas estruturais, pressupostos estruturais de imagens (essas existentes no interior do inconsciente coletivo e, que possivelmente, são conceitos herdados biologicamente) enquanto expressão, a qual, carrega vasta carga de energia psíquica, que se materializa em algum objeto (MELETINSKI, 1998).

Assim, os arquétipos no entendimento de Jung deviam basicamente opor-se aos “complexos” individuais de S. Freud, os quais eram deslocados pelo inconsciente. Os seguidores de Jung analisaram a partir de então, a mitologia dos povos do mundo todo, como parte consistente da realização direta dos arquétipos:

Quanto ao caráter metafórico dos arquétipos (e não alegórico, como Freud desejava), seriam então grandes símbolos, muitas vezes plurívocos, e não signos, embora em algumas interpretações Jung ainda acompanhe Freud até certo ponto. (MELETINSKI, 1998).

Neste caso, refere-se a que Jung compreendia os arquétipos como um caráter metafórico, mas Freud compreendia-os como uma alegoria, como por exemplo, o mito mais importante para Freud era o complexo de Édipo, no qual, ele via a nítida expressão do erotismo infantil, dirigido para a mãe e passível de suscitar ciúmes no pai (MELETINSKI, 1998).

Conforme Nogueira (2018, p. 18), arquétipos estão presentes na vida do homem desde os tempos mais remotos e não mudam até hoje. Estão dentro do inconsciente coletivo e

são um tanto difíceis de compreender, pois, não são concretos, e sim ideias bem vagas e conceituais, abstrações (NOGUEIRA, 2018).

Conforme Jung, a pessoa, sob o domínio de um arquétipo pode ser acometida de qualquer mal, pois, há arquétipos que correspondem a determinadas situações e que levam a pessoa a sofrer. De fato, há numerosas neuroses cujas perturbações resultam da falta de cooperação dessas forças motrizes na vida psíquica do paciente (JUNG, 2016 apud NOGUEIRA, 2018).

Há grandes possibilidades de diversos arquétipos na vida, basta situações críticas terem acontecido no decorrer dos anos de uma pessoa, pois quando algo ocorre na vida desta pessoa e que corresponde a algum arquétipo, este se ativa surgindo assim, uma compulsão que se impõe a modo de demonstrar uma reação instintiva contra toda a razão e a vontade, ou ainda, produzindo um conflito de dimensões eventualmente patológicas, ou seja, uma neurose (JUNG, 2016 apud NOGUEIRA, 2018).

Para o autor, a principal a principal forma de acessar os arquétipos estava nos sonhos, pois estes produziam certas formas anímicas. A imaginação ativa é outra forma de comprovação dos arquétipos, pois é uma sequência de fantasias, as quais são geradas por uma concentração intencional. Ainda há outra comprovação que são os delírios dos doentes mentais, das fantasias em transe e dos sonhos da primeira infância (3 aos 5 anos de idade) (JUNG, 2016 JUNG, 2016, apud NOGUEIRA, 2018).

Para Jung, os arquétipos desempenham uma força de sentido a ser preenchida simbolicamente no decorrer da vida, pois são imagens de prontidão. A exemplo do arquétipo “mãe” que expressa o elemento do inconsciente eterno e imortal. Já a “criança” simbolizava o princípio do inconsciente individual a partir das forças do inconsciente coletivo (MELETINSKI, 1998).

Cabe então entendermos que os arquétipos Junguianos, são, em primeiro lugar, imagens, personagens, papéis a serem desempenhados a partir de pré-disposições de imagens. Em segundo lugar, Jung dizia ser processo de A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto, não se torna "egoísta", no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo” (JUNG, *O eu e o inconsciente*, fragmento p. 266, 267).

No livro “Origem e História da Consciência” do Jung in Meletinski, (1998) apresenta a mais sistemática as raízes arquetípicas e a evolução da consciência. Ele chama de

arquétipos as “dominantes transpessoais” e insistia no fato de que o conteúdo transpessoal primordial se personaliza por hereditariedade (JUNG, 2016 apud NOGUEIRA, 2018).

2.2 A TIPOLOGIA ARQUETÍPICA DE JUNG

Jung criou da sua interpretação para o conceito de arquétipo em sua psique humana, acreditando que estes residem no interior do inconsciente coletivo. Então, mediante seus estudos, conseguiu definir doze tipos principais que simbolizam as motivações humanas básicas. E cada tipo, tem, segundo ele, seu próprio conjunto de valores, significados e traços de personalidade (NOGUEIRA, 2018).

Segundo Nogueira (2018, p.18):

Todos possuímos vários arquétipos, que nos ajudam a formar e construir nossa personalidade. No entanto, um arquétipo tende a dominar a personalidade em geral. Conhecer os arquétipos pode ser útil para saber identificar e assim, obter uma visão pessoal sobre comportamentos e motivações.

Arquétipos, para (Jung *in* Meletinski, 1998) representam, então, motivos humanos fundamentais de nossa experiência, conseqüentemente, eles evocam emoções profundas.

No livro “O herói e o fora-da-lei”, (Margaret Mark e Carol Pearson *in* Kanlot; Calmon, 2020, p. 76) demonstram os 12 arquétipos citados por Jung, e os subdividiram em grupos de (4) quatro, de acordo com os quatro principais impulsos humanos, os quais são:

Mestria/Risco: quando queremos fazer algo notável e ser lembrado para sempre. Lutamos pelos nossos sonhos, mesmo que para isso seja preciso quebrar regras e superar desafios. (Herói, Fora-da-lei e Mago)
Independência/auto realização: quando há um desejo de ficar só, refletir, decidir e conhecer o verdadeiro eu. (Inocente, explorador e sábio)
Pertença/grupo: ajuda quando a pessoa sente profunda necessidade de pertencer a um grupo. (Bobo da corte, Cara comum e amante)
Estabilidade/controle: quando queremos ter um certo controle das coisas, um poder nas mãos. (Criador, prestativo e governante) (NOGUEIRA, 2018, p. 19).

Em 1925, Jung havia começado a falar sobre os tipos psicológicos comentando os condicionamentos subjetivo, do conhecimento, a equação pessoal. Ele observou que, na

psicologia as concepções “serão sempre um produto da constelação psicológica subjetiva do pesquisador” (JUNG, 2016 *in* MELETINSKI, 1998).

Um dos doze arquétipos de Jung é o do Herói, é aquela pessoa que busca reconhecimento da sociedade ou da família e/ou grupo familiar onde se relaciona. O lema desse arquétipo é: onde há vontade, há um caminho.

Conforme Jung, (2011, p. 78) relaciona outros arquétipos:

ARQUÉTIPO	AJUDA AS PESSOAS	EXEMPLO DE NARRATIVA
Criador	Cria algo novo	De volta para o futuro
Prestativo	Ajudar os outros	A lista de Schindler
Governante	Exerce o controle	House of Cards
Bobo da Corte	Se divertirem	O Auto da Compadecida
Cara Comum	Estarem bem assim como são	Pequena Miss Sunshine
Amante	Encontrar e dar amor	Titanic
Herói	Agir corajosamente	O Gladiador
Fora da Lei	Quebrar as regras	Robin Hood
Mago	Influir na transformação	Cem anos de solidão
Inocente	Manter ou renovar a fé	Forest Gump
Explorador	Manter a independência	Alice no País das Maravilhas
Sábio	Compreender o mundo	Arquivo X

Fonte: LIMA, (2019)

Desta forma, os conteúdos de arquétipos citados por Jung são condições ou modelos prévios da formação da psique humana (NOGUEIRA, 2018).

Estas, segundo Jung simbolizam as motivações humanas básicas.

Assim, no item abaixo, falaremos sobre os complexos de Jung.

2.3 OS COMPLEXOS DE JUNG

Segundo Jung, os complexos têm uma grande importância na vida consciente. Não são os sonhos, (como pensava Freud), que representam a via para o inconsciente, mas os complexos.

O complexo emocionalmente carregado traz consigo a “totalidade de sentimento” do todo em suas partículas e em toda parte onde estas aparecem em partículas e em todas as partes onde essas aparecem em conjunção entre si, e isto tão mais claramente quanto mais nitidamente ele deixar transparecer sua relação com o grande conjunto (JUNG, 2011 p. 34).

Segundo a definição de Jung, cada complexo consiste primariamente em um elemento central, um portador de significado, que se subtraindo à vontade consciente, é inconsciente e incontrolável, e, secundariamente, em uma série de associações a eles ligadas, que se originam, em parte, na disposição pessoal original, e, em parte, das vivências dos indivíduos, condicionadas pelo ambiente (JUNG, 2011).

Os complexos podem ter todos os graus de independência. Alguns ainda repousam pacificamente no inconsciente, e mal se fazem notar.

Conforme Jacobi (2016, p. 56):

Os complexos do eu formam “o centro característico de nossa psique”. Mas ele é apenas um entre diferentes complexos. Os outros complexos entram em associação mais ou menos frequente com o complexo do eu e, desta maneira, se tornam conscientes. No entanto, eles também podem existir por longo tempo sem entrar em associação com o eu (JUNG, 2016, p. 56)

Podem, assim, estar no fundo da psique, de maneira inconsciente, esperando que alguma situação os traga para o consciente. Jung acreditava que arquétipos de míticos personagens universais residiam no interior do inconsciente coletivo das pessoas. E com isso, as pessoas acabam evocando emoções profundas a partir do seu inconsciente. Neste sentido, os arquétipos são difíceis de se entender, pois não se constituem em coisas concretas e sim apenas ideias vagas e conceituais.

Como já citamos, existem 12 tipos de arquétipos mais comuns e são os discutidos por Margaret Mark e Carol Pearson no livro “O Herói e o Fora-da-Lei” (citado por LIMA, 2019):

Tabela 1 – Os arquétipos e suas funções básicas

ARQUÉTIPO	AJUDA AS PESSOAS	EXEMPLO DE MARCA
Criador	Criar algo novo	Willims - Sonoma
Prestativo	Ajudar os outros	AT&T (Ma Bell)
Governante	Exercer o controle	American Express
Bobo da Corte	Divertir	Miller Lite
Cara Comum	Estar bem assim como são	Wend's
Amante	Encontrar e dar amor	Hallmark
Herói	Agir corajosamente	Nike
Fora da Lei	Quebrar as regras	Harley-Davidson
Mago	Influir na transformação	Calgon
Inocente	Manter ou renovar a fé	Ivory
Explorador	Manter da independência	Levi's
Sábio	Compreender o mundo	Oprah's book club

Fonte: (Lima, 2019)

Também apresenta Lima (2019, p. 45) os arquétipos e suas funções básicas nas narrativas:

Tabela 2 – Arquétipos em narrativas da literatura

ARQUÉTIPO	AJUDA AS PESSOAS	EXEMPLO DE NARRATIVA
Criador	Cria algo novo	De volta para o futuro
Prestativo	Ajudar os outros	A lista de Schindler
Governante	Exerce o controle	House of Cards
Bobo da Corte	Se divertirem	O Auto da Compadecida
Cara Comum	Estarem bem assim como são	Pequena Miss Sunshine
Amante	Encontrar e dar amor	Titanic
Herói	Agir corajosamente	O Gladiador
Fora da Lei	Quebrar as regras	Robin Hood
Mago	Influir na transformação	Cem anos de solidão
Inocente	Manter ou renovar a fé	Forest Gump
Explorador	Manter a independência	Alice no País das Maravilhas
Sábio	Compreender o mundo	Arquivo X

Fonte: (Lima, 2019)

É desta forma que usuários digitais e as marcas projetam os arquétipos para determinadas personagens de marcas e narrativas de cinema, com personagens públicos.

As imagens, como textos, são formas de representar e encobrir o mundo. Servem para descrever as coisas e lhes dar sentido, suprimindo e integrando, desdobrando e restringindo a realidade ao mesmo tempo. O cinema, como artefato cultural que é, pode e deve ser explorado como forma de discurso que contribui para a construção de significados sociais (PIRES; SILVA, 2014). Assim, o próximo item falaremos do imaginário social e suas tecnologias do imaginário.

2.4 IMAGINÁRIO SOCIAL E TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO (LITERATURA E CINEMA)

O imaginário urbano que se apresenta atualmente, esteve ligado às inovações tecnológicas e a idealizações sociais. As cidades sempre foram palco para a criação e apropriação social de objetos técnicos, ao mesmo tempo, também foi o centro de revoluções e reviravoltas históricas, de maneira que era tomada como arquétipo de mudanças sociais e idealizações. (LEMOS, 2015)

Lemos (2015, p. 102) ainda afirma que:

A discussão em torno da relação “cidade, técnica e política” vem sendo alimentada não apenas por discussões teóricas sobre o papel dessas tecnologias na criação de arquétipos nas relações sociopolíticas da cidade e contemporâneas como também por iniciativas de experiências e suas peculiaridades locais.

Desta forma, a autora refere que as discussões em torno da representação e de seus caminhos reflexivos nos leva a compreender o cinema, a literatura e as tecnologias do imaginário social, como agentes mobilizadores de imagens arquetípicas que modificam ou de forma direta, influenciam as pessoas por estarem intimamente ligadas à relação que essas mantêm com fenômenos específicos de cada parte da cultura urbana.

O cinema é, então, apreendido na sua complexidade a partir de dois eixos que se integram entre si: um de valor pragmático que identifica a organização da produção cinematográfica como fruto do meio cultural, no qual ela se insere, e o cinema como produção artística autônoma. Outro, que aborda o cinema como uma técnica de reprodução, que marcou o fim do século XIX, cujos resultados e evolução definiram um tipo de experiência que se formou a partir de um processo subjetivo (ESCOSTEGUY, 2005).

Percebe-se assim o empoderamento da sociedade envolveu-se um equilíbrio das relações de poder em favor dos que são menos favorecidos, numa demonstração óbvia de empoderamento e equidade (LIMA, 2016).

Contudo, para que o empoderamento realmente signifique pessoas e comunidades sendo protagonistas de sua própria história seria necessário que houvesse um aumento da cultura e sofisticação política e o aperfeiçoamento da democracia representativa, ampliando a participação dos cidadãos.

Ainda assim, Lima (2016, p. 87) refere que:

O ritmo, a escala, a natureza e o alcance das transformações do imaginário social que são de tal ordem que os momentos de destruição e os momentos de criação se sucedem uns aos outros numa cadência frenética, sem deixar tempo nem espaço para momentos de estabilização e consolidação. (LIMA, 2016, p. 87)

O cinema assim, pode ser concebido como uma janela que se permite olhar o mundo e cuja originalidade está na fusão entre o imaginário através de uma complementariedade complexa entre o expectador e o realizador (ESCOSTEGUY, 2005).

Assim se constrói o imaginário social, sob duas formas, da linguagem e da fantasia. Vincula-se ao *sapiens* à configuração anátoma-fisiológica do homem. Na cadeia dos homínídeos existe uma diferença brusca, uma fábrica do imaginário, a faculdade de reprodução incontrolada anátoma-fisio-psicológica (TONIN; AZUBEL, 2016).

Desta forma, Lima, (2020) refere que com o surgimento dos homens, produzem-se assim, as imagens, e imediatamente, as nossas imagens, as formas que utilizamos para fazer os afazeres domésticos, os deuses que existem são os arquétipos mais vazios da manifestação do imaginário. (LIMA, 2020)

Assim, ao descrevermos teorias, o que se faz, na verdade, é traduzir uma forma de pensamento, como se concebe o cinema. O cinema, é, na verdade, um fenômeno estético e social. Compreender o cinema remete-nos à ideia de que o cinema é compreendido como uma articulação entre o sistema sociocultural que o organiza, mas, também, como uma tecnologia do imaginário.

Felinto ao trazer o conceito proposto por Juremir Machado da Silva, nos apresenta que:

Tecnologias do imaginário seriam precisamente aquelas tecnologias de comunicação e informação capazes de excitar os sentidos (especialmente a visão) e fomentar a atividade do imaginário. As tecnologias do imaginário são, em sua maioria, tecnologias da imagem, ainda que isso não exclua outras tecnologias que fazem apelo a sentidos como o tato e a audição (FELINTO, 2003, p. 181)

Assim, podemos entender as tecnologias do imaginário como dispositivos que mobilizam imagens e imaginários. E, citando Maffesoli (FELINTO, 2003, P. 181), para enfatizar essa capacidade do cinema: “receptáculo dos sonhos, o cinema constitui o elo mágico por excelência, pois sua estrutura, como analisa com pertinência E. Morin, permite o jogo das sombras, do sortilégio, da passividade, coisas que, como sabemos, são constitutivas da vida social”.

Logo, com suas narrativas e todos os elementos que as compõem, o cinema, tal como outras tecnologias do imaginário como a Literatura, vai mobilizando nosso imaginário, reforçando imagens e provocando a novas possibilidades, mexendo com a imaginação e a memória de todos nós. Por esse entendimento que propomos a análise da construção da personagem Emma Bovary, através da narrativa fílmica, como um exemplo de sentidos expressos (e reconhecíveis) pelas tecnologias do imaginário.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa necessitou de respostas dentre o universo imagético e aqui, caracteriza-se, por se estudar a personagem de Emma Bovary através do filme intitulado *Madame Bovary*, de 1991.

Em virtude dessa busca por respostas, entre os arquétipos, imagens, consciente e inconsciente, o trabalho iniciou através de pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, como: livros, artigos, periódicos, entrevistas, internet e etc. Os conceitos que embasaram a fundamentação teórica e serão imprescindíveis à análise são: arquétipos, imaginário e tecnologias do imaginário sendo a pesquisa caracterizada como pesquisa explicativa e interpretativa, de abordagem qualitativa fundamentada em análise bibliográfica.

Para Minayo e Sanches (1993), a pesquisa é explicativa e interpretativa de abordagem qualitativa, em uma análise bibliográfica:

Realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatias aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, 1993).

Desta forma, busca-se aprofundar o conhecimento acerca dos arquétipos de Jung e de outros teóricos, será fundamental para procedermos à análise da personagem Emma Bovary no filme. Procura-se compreender aqui, a arte imagética e quais caminhos percorrem-na, a fim de verificar se há presença de valores sociais/morais imagéticos na personagem em questão, e se, fazem-se relevantes nesse modelo de compreensão do inconsciente coletivo, tendo como referência conceitual os arquétipos junguianos. Assim, a análise, na seção a seguir, vai identificar e apresentar traços na personagem que possam ser relacionados aos arquétipos de modo a entender a construção de sua imagem repassada pelo filme como uma tecnologia do imaginário.

Os estudos qualitativos tendem a apresentar uma nova dimensão na investigação científica e, ao mesmo tempo, buscam afastar-se das formas positivistas de entendimento da realidade. Nesse sentido, e para alcance dos objetivos propostos deste estudo, procuramos incorporar o caráter construtivo do trabalho conceitual, analítico e aplicado, na qual se desenvolverá aqui descrito.

A princípio, a pesquisa de caráter bibliográfico pode não deixar transparecer um processo de ordem qualitativa. No entanto, a própria flexibilização deste tipo de investigação, permite a busca, a criatividade e imaginação de investigador.

4 ANÁLISE DO FILME “MADAME BOVARY”

Os arquétipos demonstram “estrutura fundamental ou materiais axiomáticos ou mesmo as “forças” do imaginário e seguindo o conceito de trajeto antropológico (círculo estabelecido entre o homem e o mundo, circuito em que um polo alimenta o outro e é alimentado por ele. Essa retroalimentação dos polos põe em evidência a recursividade que caracteriza o trajeto antropológico). Se considera então, que não há uma superioridade entre um termo e outro, que o imaginário então seja” (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2020, p. 89).

O filme “Madame Bovary”, de 1991, escolhido como objeto de estudo, conta a história sombria de um casamento que termina em tragédia. No excerto abaixo vemos o início da história de Emma, por Gustavo Flaubert, (1856, p. 15), numa breve síntese de Pelinser, et al (2015, p. 7):

Madame Bovary se estrutura em três partes. A primeira parte conta com nove capítulos, a segunda com quinze e a terceira com onze capítulos. A obra se inicia com a entrada de Charles Bovary no colégio de Rouen. Ele tem, na época, 15 anos. Nos três capítulos seguintes temos a narração a respeito dos estudos “mediócras” de Charles, segundo o narrador, seu primeiro casamento e sua ida a Tostes para se tornar o médico da cidade. Ali, ele encontra Emma e se casa com ela, logo depois que sua primeira esposa morre. Emma surge, a partir de então, como personagem principal da obra.

Já Charles Bovary era um homem de bom coração, complacente e sem ambição. Tinha a medicina como aliada na profissão, porém era um médico com pouca prática. Nesta fase, casa-se com Emma, uma linda garota da fazenda criada em um convento e embora ela preveja o casamento como uma vida de aventura, logo descobre que seus momentos de excitação derivam de suas leituras românticas e que na prática, o matrimônio não é capaz de lhe suprir a necessidade que sente em viver um romance fantasioso, cheio de aventuras e perigos.

Ainda refere Pleinser (2015, p. 7):

Nos capítulos seguintes, temos o relato das desilusões conjugais de Emma. Apenas o baile de Vaubyssard faz Emma um pouco feliz, por estar no meio da aristocracia. Após o baile, ela volta à rotina e, junto com ela, a tristeza, a desilusão. Emma engravida e consegue convencer Charles a se mudar para Yonville, por causa de suas crises nervosas e também para buscar uma vida outra. A segunda parte do romance se inicia com a chegada da família Bovary a Yonville e com a apresentação, pelo narrador, dos habitantes da cidade. Dentre eles, destaca-se Homais, o farmacêutico, e L’Heureux, o comerciante. Emma também conhece Léon Dupuis, escritor que, como ela, não gosta da vida na cidade do interior. Mesmo gostando cada vez menos de Charles, Emma se

recusa a ter uma relação extraconjugal com Léon, que acaba por deixar Yonville. Emma conhece, então, Rodolphe Boulanger, com quem começa a ter uma relação amorosa. Ela vive passionavelmente essa ligação com o amante, que se recusa a fugir com ela (PLEINSER, 2015, p. 7):

A protagonista se envolve com dois amantes no decorrer da trama, buscando preencher sua idealização de amor. Neste meio tempo, Emma contrai dívidas exorbitantes na tentativa de preencher o vazio que sente em relação ao seu casamento. Para dar continuidade a sua vida de adultérios, ela fazia aulas de piano para que assim, pudesse encontrar um de seus amantes.

Pelinser (2011 p. 8) ainda diz que:

Ele escreve uma carta rompendo com Emma e ela fica ainda mais triste, mais desolada. Algum tempo depois, Emma se encontra com Léon em Rouen e eles, enfim, se tornam amantes. A terceira parte do romance é marcada pelas idas e vindas de Emma a Rouen, momento em que ela se endivida com várias lojas e, sobretudo, com L'Heureux, que a ameaça. Rodolphe, seu antigo amante, se recusa a lhe ajudar. No capítulo oito dessa parte, Emma se envenena e morre.

O fim deste cenário filmográfico conturbado é o suicídio de Emma após o abandono de seus amantes (quando finalmente percebeu que não era amada), e a ruína de seu marido, que perde tudo para quitar as dívidas deixadas pela sua bela esposa, Emma, identificando-se aqui, o arquétipo de sofredora que com o suicídio, para de sofrer.

Emma, em *Madame Bovary*, representa uma digressão do arquétipo provincial. Ela exemplifica o romantismo e encontra seu papel não apenas nas convenções sociais da época, mas também nas próprias ideias que a seduzem.

O arquétipo mais polêmico identificado na imagem de Emma é o de heroína, pois independente dos preceitos morais, Emma preferiu a morte ao invés de deixar de satisfazer seus desejos e enfrentar seus medos, seus comportamentos e ações são amplamente desencadeados pela força de sua mente inconsciente, bem como pelos conflitos intrapsíquicos. Esses comportamentos descrevem à luz do que sabemos sobre o inconsciente e as funções integradoras da personalidade dos arquétipos.

Quando Emma ficava preocupada cada vez que ia trair seu marido, Emma ali mostrava o arquétipo da heroína.

Outro arquétipo claro em Emma, é a sombra, essa sombra pode ser encarada aos olhos de hoje, como um aspecto positivo, ou mesmo a *hýbris* da heroína, ou anti-heroína, pois a leva para a vida e para a realização de seus desejos, mesmo que o autor tenha tido que levá-la ao suicídio.

Michiles (2012) reitera que:

Retomando a discussão da sombra, está será sempre projetada e terá como símbolo, geralmente, uma figura do mesmo sexo do indivíduo ou de um animal, fazendo com que este se afaste do mundo real, vivendo no mundo ilusório, sem se dar conta de sua própria responsabilidade no que tange a criação de um mundo externo hostil. Com isso pode-se explicar as antipatias pessoais e os preconceitos. Ema foi vítima de tudo isso. Como se sabe, não é o indivíduo que projeta, e sim o próprio inconsciente que também engendra uma trama que tem por objetivo o isolar o indivíduo. A Sombra pede passagem e toma posse. Entretanto a Sombra pode manter-se distanciada da consciência por dois outros mecanismos de defesa, que não a projeção, os quais seriam a negação (nega-se a existência das características sombrias), e a repressão (exclui-se os conteúdos indesejados da consciência alojando-os no inconsciente). Estas últimas tendem a transformasse em sintomas psicossomáticos ou até doenças graves. (MICHILES, 2012, on-line).

Aos olhos dado século XXI, esse é um final moralista. Mas, provavelmente no contexto do século XIX, nem toda a ousadia do mundo a faria deixar viva, uma mulher adúltera.

Voltando a análise da sombra, a mesma representa o ego de Emma, segundo a teoria de Jung, onde a mesma deixou de seguir os padrões morais e se deixou envolver pelo conhecimento e beleza de Leon (um de seus amantes). Muito, provavelmente, ela queria desfrutar do mesmo intelecto de Leon, mas na época as mulheres não tinham tais direitos, pois a dominação do patriarcado aprisionava as mulheres em todas as áreas da vida.

Emma, em seus devaneios dizia a si mesma: “tenho um amante. Um amante”. E deleitava-se com essa ideia. Mas, não só no romance de Flaubert, como em quase todos os romances daquela época, a mulher paga um valor muito alto por transgredir. ‘Como aos mártires, esse preço é cobrado com o sacrifício da própria vida. Não há, pois, redenção sem sangue. Essas heroínas pagam com a vida o preço do prazer’ (MICHILES, 2012).

Emma era como qualquer outra amante; e o encanto da novidade, caindo lentamente como um vestido, expunha apenas a eterna monotonia da paixão, sempre as mesmas formas e a mesma linguagem. Para a época, Emma era vista como a imagem perfeita de depravação e maldade, nos dias atuais, sua imagem sofreu alterações devido ao feminismo e mudanças dos próprios padrões sociais.

De fato, por trás dos arquétipos evidenciados em Emma, existe a mulher subjugada e aprisionada aos valores morais que depreciavam o feminino na sua totalidade. (MENEZES, 2003)

Assim, vimos diversos arquétipos se construindo na imagem de Emma, quando ela expressa seus sentimentos por Charles, algumas vezes em forma de diálogo, outras vezes através do narrador.

Mesmo sabendo de seu sentimento de desprezo por Charles, ela não deixa de construir a imagem positiva dele para Léon e também para nós leitores: (FLAUBERT, 1995, p. 110 *in* MENEZES, 2003, p. 56)

Desta forma, podemos demonstrar através do romance de Madame Bovary, que os arquétipos são imagens primordiais, presentes em nosso imaginário, e ajudam a explicar histórias passadas, vividas por outras gerações e que segundo Jung, se originam a partir da repetição de uma mesma experiência por diversas vezes, por pessoas diferente e em épocas distintas, construindo assim, o imaginário social a partir, também, do inconsciente coletivo.

5 CONCLUSÃO

Vimos então que “Madame Bovary” era a trágica história de uma pequena e inocente jovem que, aos 13 anos foi levada pelo pai para um convento, onde lá ela inicia um imaginário de pecados criando mundos e personagens de romances.

A personagem escolhida possui características pessoais e buscou-se identificar traços arquetípicos que estruturam a sua imagem.

Desta forma, para alcançarmos o objetivo proposto, pesquisamos, no filme Madame Bovary, diálogos, descrições, fragmentos de narrativas, tudo aquilo que nos levasse à construção da imagem arquetípica da personagem. Tais imagens arquetípicas se estruturam em suas falas, nos seus comportamentos e em seus ideais.

Realizamos nossa pesquisa também em obras de crítica literária algumas obras de leitores críticos, ou seja, de estudiosos de Madame Bovary e de Flaubert. Utilizamos, para fazer tal análise, de um arcabouço teórico oferecido pela perspectiva Junguiana, sobretudo, dos estudos de Carl Jung.

Percebeu-se que a literatura e o cinema são canais que nos permitem discutir, além da construção das narrativas, os próprios sentidos de vida, consideradas tecnologias do imaginário, justamente por mobilizar imagens carregadas de sentido coletivo.

Muitas personagens regatam a angústia existencial e a atuação da imaginação para seu apaziguamento: no caso de Bovary um modo de vida que apaziguasse o tédio e a angústia de sua vida.

O problema desta pesquisa referiu-se ao fato de que vivemos imersos num amontoado de imagens que povoam nosso imaginário e produzindo sentido, pois muitas estão ligadas às imagens de prontidão presentes no inconsciente coletivo.

Desta forma, tal contribuição teórica foi imprescindível para compreendermos de que modo se relacionam as imagens com o inconsciente coletivo e quais caminhos elas percorrem, estimuladas pelas tecnologias do imaginário. Foi possível encontrar, nesse trajeto de pesquisa, os arquétipos que estruturam a imagem de Emma Bovary, embasados na cultura, sociedade e na perspectiva teórica de Jung e de outros teóricos.

Emma e sua trágica história está cheia de símbolos que nos levam à reflexão sobre amor e ódio, vida e morte, antíteses tão presentes no imaginário social. Também, sobre temas sociais que revelam o imaginário de uma época: fidelidade, casamento, machismo, castração, feminismo e tantos outros conflitos.

Trabalhamos o enfoque de como sua imagem é construída, que elementos a compõem, por quem e por quê. Observamos que o conceito de arquétipos é complexo e sua simbolização é reforçada pelas tecnologias do imaginário.

Vimos neste filme, a fantasia e a insatisfação do ser humano, no arquétipo da heroína, num delito conjugal que acontece em uma sociedade preconceituosa, desencadeando a angústia mortal em que Bovary acaba por emergir, pois, entra em combate interno entre o desregramento erótico e uma ânsia de vida plena confrontando-se com os padrões da sociedade em que vivia.

Vimos a importância dos arquétipos que subsidiaram a construção da personagem através do cinema, do teatro, da literatura, através da própria narrativa, pois Emma fazia leituras e trazia os personagens para sua vida.

Assim, concluímos que é possível identificar os arquétipos que estruturam uma personagem e até mesmo uma narrativa, percebendo os sentidos que mobilizam o imaginário social e são reformados pela disseminação dessas imagens pelas tecnologias do imaginário como o cinema e a literatura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. **O imaginário trágico de Machado de Assis**: elementos para uma pedagogia de escolha. FEUSP. 2. ed. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/454/407/1593-1>. Acesso em: 21. jun, 2020.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cultura midiática e tecnologias do imaginário**. EDPUCRS, Porto Alegre: 2005.
- FELINTO, Erick. Operatória de imaginário tecnológico. **Galáxia**, n. 6, out. 2003, p. 165-188. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/viewFile/1341/830>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogerio de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. 2020. 2. ed. São Paulo: FEUSP. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo**: na psicologia de Jung. Vozes, Petrópolis: 2016.
- JUNG, Carl Gustav. **Estudos sobre o si mesmo**. (O.C.Vol IX/2). Petrópolis: Vozes, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. [Tradução de: Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB]. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, C.G. **Símbolos da transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Vozes, Petrópolis: 2011.
- KANLOT, Daniel; CALMON. Pedro de Queiroz. **Os arquétipos na gestão de uma marca: aplicação à marca líder do mercado de cervejas brasileiro**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração. Rio de Janeiro – RJ, Brasil, (2017). Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v40n1/1809-5844-interc-40-1-0097.pdf>. Acesso em: 2 de novembro de 2020.
- LE MOS, Maria Teresa Toríbio B. **Desafios da Interculturalidade**: O diabo no imaginário social do Sertanejo. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/latinidade/article/view/18000>. Acesso em: 2 de novembro de 2020.
- LIMA, Gabriela. **Planejamento da criação publicitária**: os arquétipos e a bússola cognitiva: volume 3, 1ª edição Editora Appris, Curitiba: 2019.
- MELETINSKI, Eleasar. **Arquétipos literários**. São Paulo: Editorial Ateliê, 1988.

MENEZES, Renata Pasini de. **O feminino reprimido**: uma análise Junguiana do feminino. Brasília: 2003.

MICHILES, Haroldo Cesar. **Sombra e Feminismo em Madame Bovary**. 2012. Disponível em: <http://institutojunguianorj.org.br/sombra-e-feminismo-em-madame-bovary/>. Acesso em: 18 maio 2020.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. **Cadernos de Saúde Pública**: Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. Rio de Janeiro, v9, n3, jul./set. 1993. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>. Acesso em: 22. jun, 2020.

NOGUEIRA, Adeilson. **Os arquétipos de Jung**. Clube dos autores, São Paulo: 2018.

PELINSER. André Tessaro. **Caderno de resumos do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Muller e Literatura**. Educus, Caxias do Sul: 2015.

WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de. **Os trabalhos da imaginação**: abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa; Editora UFPB, 2017.